

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **BIBLIOGRAFIA SARMENTINA. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO E DIVULGAÇÃO DA OBRA DE FRANCISCO MARTINS SARMENTO, 1833-1899.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1927 | Número: 37

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Bibliografia Sarmentina. Subsídios para o estudo e divulgação da obra de Francisco Martins Sarmento, 1833-1899. *Revista de Guimarães*, 37 (2-3) Abr.-Set. 1927, p. 115-129.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Bibliografia Sarmentina

Subsídios para o estudo e divulgação da Obra  
de

Francisco Martins Sarmiento

(1833 - 1899)

A célebre *Lei dos três estados*, revelada por Turgot, desenvolvida por Saint-Simon e definitivamente estabelecida por Comte, no seu sistema de filosofia, assinalando para tódá a concepção da inteligência, para todo o ramo do saber humano as três fases características — teológica, metafísica e positiva —, encontra plena concordância na sequência natural da Obra de Sarmiento. A verdade é que êste princípio filosófico caducou, já fez a sua época, e hoje a espiritualidade religiosa não é considerada o despertar, o início inconsciente da percepção intelectual, mas sim o tôpo, a tendência máxima das aspirações humanas, nesta geração de sacrificados, sedenta de ideal, expiando desorientada os erros do racionalismo crítico nascido no século XVIII; mas, sendo certo que a filosofia religiosa do nosso tempo, aliada ao princípio tradicionalista, reage fortemente contra o materialismo e o positivismo, não é menos certo que Sarmiento, cuja auto-educação não podia fugir à sugestão das ideias ambientes, é uma personalidade absolutamente típica, produto da evolução mental da sua época. Sob êste aspecto a devemos estudar.

Aos vinte anos, Sarmiento é poeta, literato e... bacharel em Direito. Porém, às interpretações dos códigos e aos trabalhos do fôro e da magistratura prefere as Musas, escrevendo versos e folhetins, ao

sabor romântico do tempo. A sua Obra está ainda na infância, na primeira idade, na idade teológica: paira no idealismo, na religiosidade amorosa e subjectiva. Porém, o seu espírito, estruturalmente rebelde e combativo, mais propenso ao exame crítico e à observação das realidades que ao misticismo doentio, dentro em pouco se liberta desta fase contemplativa para entrar no seu período de actividade literária, revelando-se em breve o forte polemista das *Bíblias Protestantes* e da *Delenda Carthago*, e atingindo assim, com a segunda idade, a sua crise metafísica: é a juventude dum ardoroso espírito, na sua marcha gradualmente ascensional. Após dez anos decorridos nestas lutas da especulação filosófica, durante os quais, no dizer de Alberto Sampaio, foi paralelamente adquirindo, com leituras seleccionadas e um estudo intensivo, a grande, invulgaríssima soma de conhecimentos vários <sup>(1)</sup> que lhe deram «a largueza de vista, característica das suas concepções», entra desassombradamente no seu período definitivo, de virilidade e completo desenvolvimento intelectual: — é a fase positiva que desponta, para durar um quarto de século, até à sua morte; a fase científica de um cérebro que adquire, no meio em que se expandiu, a serenidade plena, a consciência dos seus exactos limites. Sarmento revela-se então o arqueólogo, o etnólogo, o homem que, mais tarde, havia de marcar um lugar eminente nos estudos da Pre-história nacional.

Entretanto que estas três fases sucessivas do seu labor intelectual se manifestavam, perfeitamente marcadas e distintas, dava-se um fenómeno curioso de sobreposição e persistência das características de cada um dos estádios primitivos do seu espírito através

---

(1) Emílio Hübner, agradecendo a Sarmento a oferta do opúsculo *Lusitanos, ligures e celtas*, mostrava-se surpreendido pela quantidade de bons livros em todas as línguas que Sarmento havia lido. O homem que se admirava desta erudição, era por seu turno um erudito de renome universal; todavia, as suas palavras não representavam um simples acto de cortezia; eram inteiramente sinceras, tanto mais que, como é sabido, os estrangeiros têm vulgarmente uma cultura unilateral, raras vezes enciclopédica, como a de Sarmento.

da sua obra última e definitiva. Quer ao longo das suas páginas científicas, quer nas suas numerosas cartas tratando assuntos de arqueologia, etc., transparece com frequência, não a propriedade concisa, precisa e fria do sábio, mas o brilho do comentário mordaz ou alegre, a forma literária, acentuadamente pessoal, que, segundo o Sr. J. Leite de Vasconcelos, mal se coaduna por vezes com a natureza dos assuntos graves. Numa ligeira nota biográfica, escrita em dezembro de 99, diz o eminente autor das *Religiões da Lusitania*: "A par dos seus méritos científicos, Martins Sarmiento dispunha de méritos literários. Escrevia com muita facilidade. As suas cartas, — como em geral todos os seus escritos, mesmo os mais sérios —, participam também dessa simplicidade que caracteriza a linguagem familiar e despreocupada. Sarmiento escrevia pouco mais ou menos como falava.....

.....  
Antes de ser arqueólogo e erudito, Martins Sarmiento foi literato. Na mocidade escreveu versos e folhetins. Assim em parte se explica que no período em que as investigações arqueológicas o absorviam, a feição literária não desamparasse o investigador" (1).

Igualmente Emílio Hübner soube notar e apreciar o estilo próprio, a faceta literária da personalidade inconfundível de Martins Sarmiento. Em carta do sábio Professor berlinense, de 9-3-1880, para Sarmiento, lê-se: "...Ne croyez-pas que la longueur de vos lettres m'ennuie; tout au contraire, je les lis avec le plus grand intérêt et plaisir, car vous êtes, permettez l'observation à un étranger, pas seulement un observateur consciencieux, mais aussi un excellent styliste."

Antero de Quental, em correspondência para Alberto Sampaio (2), de quem era amigo íntimo, comenta um artigo de Sarmiento, vindo a lume na *Renascença* (3), dizendo que muito lhe agradara lê-lo

---

(1) Veja Número Especial da *Revista de Guimarães* — 1900 — pág. 84; ou *O Archeologo Port.* — vol. VI, 1901, pág. 30.

(2) Veja cartas de A. Sampaio para Sarmiento (Arquivo da Bibl. da Sociedade Martins Sarmiento).

(3) *Acerca das escavações de Sabroso*, na *Renascença* — Porto, 1879 — pág. 118 a 125.

«tanto pela finura e boa razão das deduições como pelo estilo, que é de quem sabe escrever português».

Por vezes é o polemista de 1868 que renasce e irrompe novamente, em tôda a sua plenitude e vigor, pondo uma suspensão nos seus estudos científicos para se dedicar inteiramente à pugna jornalística. Assim acontece, ao levantar da questão política entre Braga e Guimarães, em fins de 85, quando esta última cidade pretendia desagregar-se daquele distrito: Sarmiento abandona os seus livros e, bom vimaranense, maneja a pena a favor da sua terra como se brandisse, temerosamente, o varapau minhoto.

Era combativo e liberal, à maneira de Herculano, humorista e mordaz, à maneira de Camilo. Os seus manuscritos estão repletos de comentários duma visão agudíssima e arrojada, podemos dizer — profética, verberando os erros dos políticos e a corrupção dos costumes do seu tempo. Citemos alguns dêsses curiosíssimos inéditos:

Por meados de 1880, trinta anos antes da República, Sarmiento sintetiza, numa ligeira nota, tôda a história do regímen republicano até à ditadura actual: *«Leio n'um jornal q. o partido socialista dá ao republicano o nome de conservador; o republicano acoima o liberalismo monarchico de conservador, etc. De sorte q., se o republicanismo conseguisse destronar o liberalismo monarchico, os actores mudavam mas a comedia humana seria a mesma. Quando acabarão de nos aturdir os ouvidos com palavras e formulas?... Toda a nação se governa bem se tem juizo e probidade. Que ella seja monarchica ou republicana é indifferente. Se o republicanismo, cahindo no meio actual de corrupção e injustiça, cuida poder reformar as cousas, isso só se admittiria se o republicanismo tomasse uma attitude absolutista, capaz de reagir contra o meio em q. cahisse.»*

Ou então prevê, lúcidamente, o processo, de mimetismo e adaptação aproveitado de facto pelos parasitas da politiquice do velho regimen, transformados hoje nos mais ferozes demagogos da República: *«A unica esperanza — diz certa gente — está na mudança de systemas, de principios. Os partidos existentes estão gastos, etc. Diz o bom-senso que mal vai ao doente,*

*quando muda de cama. Proclamem a republica e veremmos como os partidos gastos, se virem esperanças de persistencia, enviam phalanges e legiões para a republica. Deixam de ter principios — fazem-se republicanos, e os republicanos... estamos a ouvir-os.»*

A improficuidade da descentralização administrativa e da acção do município, sugere-lhe uma opinião perfeitamente adequada ainda aos nossos dias: *«Dizem os utopistas que o município será o redemptor. Mas por emquanto o município soffre da depressão geral. O cargo de vereador é procurado por os ineptos e interesseiros, e evitado por todo o homem serio e honesto. Para lá entrar um desta cathegoria é preciso apanhal-o a laço, ou obedecer a intuitos d'ambição e de politica, q. se revelam dentro em pouco.»*

Em duas linhas dá-nos a medida da sua isenção em matéria política, da sua descrença, apesar de ser um espírito eminentemente liberal, na necessidade da mudança de instituições para a salvação do país, e patenteia a falência do constitucionalismo: *«Eu não sou monarchico, nem republicano, nem nada do que constitue um partido politico. Nem o quero ser. E a fallar a verdade não creio na salvação do paiz pela mudança d'um systema governamental. E' possivel q. dentro d'alguns seculos todas as nações sejam republicanas; mas não é menos certo q. o constitucionalismo, como systema de transição, tem simplesmente demonstrado q. a transição se não faz, apesar da indifferença do elemento monarchico.»*

A uma longa distância da República prevê a sua implantação facilitada pelo descrédito e fraqueza da monarquia: *«A monarchia tem sido, em regra, d'uma inercia capaz de deixar surdir a republica sem o saber.»*

Por vezes apossava-se d'ele o desalento, ao ver a hierarquia social numa subversão crescente, naturalmente contrária ao equilíbrio e à delicadeza aristocrática do seu espírito superior: *«Faz tristeza ver a maneira porque a auctoridade, seja qual fôr, é tratada no jornalismo. Desde o rei até ao cabo de policia, não ha outro tema senão a chacota mais deprimente.»*

E, em linhas candentes, revolta-se, indignado, num acesso de criticismo demolidor, contra as menti-

ras convencionais, contra o egoísmo hipócrita duma sociedade eivada de preconceitos: *«Está mais q. provado que a estupidez humana é a materia collectavel dos finórios. Não ha nada que mais renda, e até hoje este veio tem sido explorado exclusivamente pelo sacerdocio, com a annuencia tacita do chamado imperio, quando a colligação lhe faz conta. Estamos no caso, 3 seculos depois da Reforma, e pouco mais d'um depois da Encyclopedia. O formidavel riso de Voltaire, q. era por fim a expressão nitida do bom-senso, causa susto hoje ás classes conservadoras — i. é, ás minorias ricas, que estão no habito d'explorar as grandes massas e a sua ingenuidade. Em regra, a burguezia rica é profundamente sceptica, mas convence-se de q. a religião é um freio, q. pôde suster a queixada da bête, e guial-a para onde se quizer. Eu, francamente, detesto esta colligação hypocrita.»*

Eis aqui algumas dessas ligeiras notas, escritas em «linguagem familiar e despreocupada», ao correr da pena, sem o buril da revisão, tiradas ao acaso dos seus inéditos, que são fonte inexgotável de incisivos conceitos não sòmente de carácter científico, mas sòbre política, moral, religiões, filosofia, crítica literária, etc.

As suas tendências combativas, reminiscências das suas polémicas doutro tempo, em campanhas rudes mas leais, vicejam, por vezes, no próprio seio, tranqüilo e profundo, da sua obra científica. Não sendo vaidoso, mas apenas consciente da sua inteligência e vasta erudição, qualquer controvérsia às suas afirmações o irrita, provocando-lhe a resposta mordaz e dura.

E' assim que, em 1879, a propósito do seu folheto — *Observações á Citania do Snr. Doutor Emilio Hübner*, o sábio alemão se queixa ao próprio Sarmento de o haver julgado «un peu sévèrement» e «avec une certaine irritation», simplesmente porque Hübner discordou de algumas das suas conclusões a propósito das descobertas da Citânia, sendo tanto mais injusto quanto é certo que a pena de Hübner, como êste afirmava, tinha sido guiada exclusivamente no serviço e no interêsse da sciência <sup>(1)</sup>.

---

(1) Veja *Revista de Guimarães* — vol. XXXVI, 1926, pág. 5.

E' assim que, em 1881, a propósito de quaisquer dúvidas que Oliveira Martins lhe apresenta, em carta, às suas teorias sobre a etnologia dos Lusitanos, sustentadas no folheto *Os Lusitanos* e no *Ora Marítima*, Sarmento, em resposta, lhe fala irònicamente nessas *dúvidas*, como a julgar que o não eram, e nos *arqueólogos de gabinete*, o que faz replicar Oliveira Martins, um pouco maguado: «Se no gabinete não ha velhos monumentos e ruínas, nem por isso fica occa a cabeça para pensar» <sup>(1)</sup>.

Assim, em 1891, um trabalho de Adolfo Coelho, na *Revista Archeologica*, aliás com várias passagens bastante agressivas para Sarmento, provoca da parte dêste a série de artigos na *Revista de Guimarães* <sup>(2)</sup> que constituem o formidável libelo — *Lusitanos, ligures e celtas* contra o eminente lingüista.

E' assim finalmente que, em 1896, a uma ligeira nota de crítica bibliográfica do Sr. J. Leite de Vasconcelos, no *O Archeologo Português*, Sarmento, apesar de velho amigo dêste, replica, acentuadamente despeitado, na *Revista de Guimarães* <sup>(3)</sup>, chamando *facecia* ao comentário sério, e aliás justo, do seu antagonista.

Porém, espírito eminentemente superior e, por isso mesmo, estruturalmente simples e bondoso, não guardava ódios nem discutia com má-fé. Defendia apenas aquela verdade de que estava profundamente possuído. Diz Alberto Sampaio, a respeito do seu temperamento: «sempre de bom humor, aturando com paciencia as maiores impertinencias, excitava-se comtudo, se contrariado no que se lhe figurava razão».

Tem sido por vários escritores lamentado repetidas vezes o facto de Sarmento não nos ter deixado um trabalho de fôlego sobre a Citânia e Sabroso.

---

<sup>(1)</sup> Ob. cit. — pág. 152.

<sup>(2)</sup> Veja *Revista Archeologica* — vol. III, pág. 129 e 163 — vol. IV, pág. 153; e *Revista de Guimarães* — vol. VII, pág. 101 e 161 — vol. VIII, pág. 5 — vol. X, pág. 73 — vol. XI, pág. 187.

<sup>(3)</sup> Veja *O Archeologo Português* — vol. II, pág. 295 — vol. IV, pág. 239 — vol. V, pág. 13; e *Revista de Guimarães* — vol. XIII, pág. 165, nota 2 — vol. XV, pág. 105 — vol. XVI, pág. 20.



Pouco depois de haverem começado as escavações da Citânia (1875), muitos homens de ciência, sobresaindo entre eles Hübner, o incitaram a escrever uma monografia, amplamente ilustrada e com os respectivos planos topográficos, à maneira do que Schliemann realizou sobre as explorações de Mycenae. O sábio epigrafista e arqueólogo alemão entrava mesmo no detalhe desse desejado trabalho, aconselhando que deveria ser «parco de discussões etnográficas e mitológicas» e «apenas uma exposição clara das descobertas e descrição exacta dos objectos achados»<sup>(1)</sup>.

Igualmente o Sr. J. Leite de Vasconcelos, segundo êle próprio afirma, o incitou, por vezes, verbalmente e por escrito, a êsse trabalho, sem resultados mais profícuos. Este investigador parece-nos até excessivamente severo na sua crítica, quando em 1901 escrevia, a êste respeito: «...preferiu (Sarmiento) espriar-se e gastar-se na elaboração de obras teóricas que, embora muito eruditas, não sei se de futuro serão por completo aceites da ciência»<sup>(2)</sup>. E, novamente, já em 1915, insiste, vagamente irónico: «êlé (Sarmiento) antes quis aplicar os seus serões a procurar as Oestrímnides fugidias e a traçar nova rota aos Argonautas do que a escrever êsse livro (relato das explorações da Citânia e Sabroso), que seria ao mesmo tempo um monumento e um guia. Só deixou apontamentos soltos»<sup>(3)</sup>.

O Sr. Mendes Correia, mais benévolo no seu juízo, diz: «E' natural e legítimo que cada um aplique as suas faculdades como julga mais conforme com a sua capacidade e com as suas tendências, desde que dessa tarefa resultem benefícios colectivos e progressos para o conhecimento humano. Ora, se no domínio da indagação especulativa, o talento e a erudição de Martins Sarmiento se evidenciaram em esforços magníficos de síntese e interpretação, a verdade é que não faltaram também no domínio das aquisições positivas resultados concretos e objectivos das suas explorações

---

(1) Veja *Archeologia Artistica* — vol. I, fasc. V, pág. 14 e 25.

(2) Veja *O Archeologo Português* — vol. VI, 1901, pág. 30.

(3) Veja *Hist. do Museu Etnol. Port.* — 1915, pág. 186, nota.

notabilíssimas. Qualquer das duas feições da sua actividade bastaria para honrar o seu nome" (1).

Fraco escritor e homem de ciência seria na verdade aquele que submetesse o plano das suas obras e escritos aos moldes ou sugestões alheias, em vez de o executar conforme e quando a sua razão e vontade lhe ditassem a oportunidade. O assunto — Citânia e Sabroso — não consentia, aliás, um exame superficial, antes um estudo demorado, profundo, reflectido. Só por um trabalho comparativo, pela exploração de outros castros, pela observação demorada, Sarmento poderia architectar hipóteses e deduzir conclusões, atingindo mais vastos horizontes. O espírito culto, a alta individualidade de Sarmento não se resignava, por certo, a uma simples notícia descritiva e cronológica, resultante do exame directo, quasi intuitivo, dos objectos casualmente achados. Queria sem dúvida ir mais longe, tirar benefícios mais proficuos do seu estudo, conclusões mais largas e fecundas, sempre com o pensamento pôsto no problema empolgante, na incógnita absorvente das nossas origens étnicas. Era esta a finalidade máxima, o objectivo de todos os seus estudos. E assim, enquanto apressadamente o incitavam a que escrevesse lacónicas descrições ou "parcas" memórias dos seus trabalhos de exploração, êle, calmo, sem pressas, ia estudando, observando, comparando, deduzindo, acumulando materiais.

¿Foi pena que Sarmento nos não tivesse deixado um trabalho completo, único, exaustivo, sobre as estações pre-romana de Sabroso e luso-romana de Briteiros? Evidentemente. Mas, como dizia Alberto Sampaio, não lamentaríamos essa grande falta, se não lamentássemos igualmente o passamento prematuro do sábio. Relativamente novo e válido, "sem conhecer a velhice intelectual", a morte não lhe deu tempo para completar a sua Obra. No ano em que morreu, tencionava êle publicar um trabalho sobre os castros de Citânia, Sabroso e Santa Iria, com o título genérico — *Materiaes para a Archeologia de Entre-Douro-e-*

---

(1) Veja *O Labor da Grei*, Vol. comemorativo da Exp. Ind. de Guimarães em 1923 — pág. 54.

*Minho.* Em o Número Especial da *Revista de Guimarães*, 1900 — (pág. 19, 33 e 34), consagrado à sua memória, alude-se (abade de Tãgilde e Rocha Peixoto) ao projecto, definitivamente assente, da elaboração da monografia sobre a Citânia, a publicar em 99 na excelente revista *Portugalia*. Parece, portanto, que não é justo nem lícito recriminar a orientação que êle entendeu dever dar aos seus trabalhos, pois que só a morte inesperada impediu que a sua obra fôsse ainda mais vasta e gloriosa. Grande trabalhador foi êle, incansável, em tôda a sua vida; e, até «quando a morte se debruçava sobre a fronte a dar-lhe o beijo da eterna paz, estendendo o braço emagrecido sobre a dobra do lençol, e dispondo a mão, como se tivesse uma pena, fazia o jeito de escrever, de quem escrevia freneticamente. Que pensamentos, que tanto quis e não pôde exprimir, lhe revolveriam o cérebro agonizante?» <sup>(1)</sup>.

Analizada, embora superficialmente, a seqüência da obra do sábio arqueólogo, na sua gestação espiritual, resta-nos conglobá-la num quadro sintético. Para a elaboração desse quadro seguimos a divisão estabelecida por Alberto Sampaio. Este escritor separou a obra de Sarmiento em três ciclos: 1.º — o ciclo das composições poéticas (1855); 2.º — o dos estudos literários e sociológicos (1856-74); 3.º — o dos estudos históricos e arqueológicos (1874-99). Respeitamos, como não podia deixar de ser, a opinião do eminente historiador, aliás em plena concordância com a evolução intelectual de Sarmiento que pusemos em destaque; mas, salvo êrro, pareceu-nos melhor juntar o período dos assuntos romântico-literários ao das composições poéticas, constituindo assim duas fases harmônicas do mesmo ciclo espiritual.

Não é pois absolutamente inédito, nem no seu conjunto, nem tampouco no detalhe, o registo biblio-

---

<sup>(1)</sup> Veja artigo de A. Sampaio, sobre Sarmiento, na *Portugalia* — vol. I, pág. 421; ou no II vol. dos *Estudos Historicos e Economicos* — pág. 119.

gráfico da obra de Sarmiento, que, ao diante, apresentamos, abrangendo êsses 45 largos anos de labor intelectual. Geralmente, os seus biógrafos<sup>(1)</sup> têm feito acompanhar os escritos sôbre a personalidade de Sarmiento de referências e citações, mais ou menos completas, à obra do Arqueólogo. E' dessas notícias esparsas que me socorri para apresentar agora êste modesto trabalho de conjunto, bastante ampliado, convenientemente anotado, e pela ordem, tanto quanto possível cronológica, por que foram publicados os escritos.

A parte científica, indiscutivelmente a mais importante da obra variada de Sarmiento, trata assuntos de: Geografia antiga — Pre-história — Mitologia — Tradições populares — Etnologia — Arqueologia — Arte pre-histórica e Epigrafia. Cada um dos títulos dos seus escritos, o damos seguido da indicação do ramo científico a que se refere.

Com esta disposição, quanto possível metódica, julgamos tirar um resultado prático, prestando algum serviço, poupando, pelo menos, trabalho a uma futura coordenação dessa obra dispersa e hoje, infelizmente, quasi ignorada.

Há para com Sarmiento a saldar uma grande dívida. Essa dívida está em aberto há 28 anos e sabe Deus até quando! Refiro-me à reunião em volume da sua obra completa, parte dela dispersa nos jornais e nas melhores revistas da especialidade do seu tempo, tais como: *O Instituto* — *A Renascença* — *Revista das Sciencias Naturaes e Sociaes* — *Revista Lusitana* — *Portugalia* — *O Archeologo Português*, etc. Seria um piedoso acto de justiça, semelhante ao que, em 1923, foi prestado à obra magistral de Alberto Sampaio,

---

(1) Algumas fontes para a biografia de Sarmiento :

*Revista de Guimarães* — vol. I, pág. 1 e 35 — XVI, 180 — XVII, 29 — XXXI, 176 — XXXIV, 7. — Número Especial de 1960 ;  
*Encyclopedia Port.* de Max. Lemos — vol. 9.º, pág. 805 ;  
*O Archeologo Port.* — vol. VI, pág. 30 ;  
*Portugalia* — vol. I, pág. 417 ;

Várias revistas e periódicos vimaranenses, especialmente :  
*Vimaranense* (1902) — *O Progresso* (1898 e 1900) — *O Comércio de Guimarães* (1899 e 1900), etc.

outro cidadão ilustre, honra de Guimarães e do País, obra que, dêste modo, se tornou, nos últimos tempos, muito mais conhecida, citada e devidamente apreciada (1).

A quem compete saldar essa dívida? Indiscutivelmente à «Sociedade Martins Sarmiento», na qual, segundo Alberto Sampaio, Sarmiento viu «a continuadora da sua obra». Não vamos tão longe. A Sociedade pode julgar-se impotente (isto sem melindre para as Direcções presente ou passadas), à falta de homens dedicados ao estudo desta especialidade, que se não improvisam, para ser a *continuadora* da obra monumental do grande sábio. Mas tem a obrigação de ser, pelo menos, a *conservadora*, a *mantenedora* dessa mesma obra, hoje apagada, relegada à poeira dos arquivos. A «Sociedade Martins Sarmiento», instituto conhecido, ainda actualmente, além fronteiras, no mundo científico, através do nome do seu patrono ilustre, tem a obrigação de honrar perenemente êsse nome. ¿Erigindo, numa praça pública, a sua estátua? Deixemos isso, por enquanto. No nosso país, infelizmente, parece haver até uma negação artística para esta espécie de monumentos, tão falhos de carácter, nobreza, proporção e harmonia são a maior parte dos que por aí existem, por êsse Portugal fora. ¿Continuando então as obras incompletas do edificio da sede social da instituição, obras que uma disposição testamentária de Sarmiento aliás não justifica (2) e que, tampouco o recheio, difficilmente removível, dos 40.000 volumes da sua actual biblioteca praticamente consente? Não. Honremos a memória de Sarmiento — protegendo a Obra do sábio arqueólogo do esquecimento e da ruína, isto é: — reunindo em volume os seus dispersos e publicando os inéditos (notas científicas e epistolário); protegendo e tornando efi-

---

(1) *Estudos historicos e economicos*, por Alberto Sampaio — 2 vol. — Pôrto — 1923. A obra dêste vimaranense, diz Ricardo Severo, «constitui a base da história dos primeiros tempos da fundação do Estado Português e forma o primeiro capítulo a antepor à *História de Portugal* de Alexandre Herculano».

(2) Veja testamento de Sarmiento, transcrito na *Portugalia*, vol. I (1899-903) pág. 421-422.

cazmente conhecidas as estações da Citânia e Sabroso, pela construção duma estrada que ali conduza e pela manutenção de um guarda permanente para a conservação e limpeza dos dois famosos castros; dando uma disposição metódica e científica, moderna, às colecções dos museus de numismática e cerâmica, que êle pacientemente, com tanto amor, foi reunindo, e resguardando da acção directa das intempéries muitos dos preciosos exemplares da secção de arqueologia; finalmente, organizando os catálogos respectivos e um resumido guia ou roteiro explicativo das duas estações arqueológicas, como breve elucidário do visitante. Para esta acção, tão útil quão urgente, se devem voltar constantemente todos os esforços, não só das Direcções da «Sociedade Martins Sarmiento» <sup>(1)</sup>, mas de todos os vimaranenses que prezam as glórias da sua terra.

Louvável seria que nas oficinas da Imprensa Nacional, a expensas do Estado, fôsse reimpressa, como justa homenagem, a Obra de um homem que tanto honrou a sua Pátria, e a propriedade dessa edição fôsse concedida gratuitamente à Sociedade Martins Sarmiento. A abertura da estrada para a Citânia e Sabroso, bem como o estabelecimento de um subsídio a um guarda que permanentemente residisse lá no alto, em habitação construída para êsse fim <sup>(2)</sup>, não causaria também, por certo, a ruína do Erário.

Este seria o verdadeiro monumento a levantar à

---

(1) A «Sociedade Martins Sarmiento» tem igualmente diante de si, sem pensar em erigir estátuas, outros problemas fundamentais a resolver, como: Instalação do Museu de Arte Cristã (antigo Tesouro da Colegiada) — Instalação de uma secção de pintura, desenhos e gravuras — Outra de incunábulos e pergaminhos — Instalação dos Arquivos municipal, paroquiais e cartoriais — Catalogação e arrumação do Arquivo da Colegiada — Remodelação e balanço da biblioteca e revisão de catálogos e brevets — Continuação dos Anais do Município «Vimaranis Monumenta Historica»; etc. Uma obra vasta a realizar, com o concurso das energias e boas vontades de todos os vimaranenses; e não somente pelo esforço isolado das Direcções da Casa.

(2) Este pedido de um guarda para a Citânia, de satisfação aparentemente simples, já há 50 anos <sup>(1)</sup> foi feito, infrutiferamente, ao Marquês de Sousa Holstein. Quanto à estrada, dizem existir na Câmara de Guimarães, também há bastantes anos, o estudo completo do traçado, plantas, etc.

memória de Sarmento. Honrá-la-famos elevando-nos a nossos próprios olhos e no conceito dos estranhos.

Bem sabemos, por experiência própria, que mais fácil é sugerir que executar. Não é por falta de incitamentos ou lembranças que a Sociedade, instituição de utilidade pública, não tem levado a efeito muitos projectos, mas simplesmente devido às precárias circunstâncias do seu cofre e principalmente à dureza de ouvido dos Governos que a deviam auxiliar carinhosamente. Já em 1899, o Sr. Ricardo Severo, pronunciava as seguintes palavras, à beira da campa de Sarmento: «Toda a remotíssima vida do nosso Minho condensa-se nessas duas estações, de moldes característicos, no crasto de Sabroso e na Citania de Briteiros. Cumpre proteger desvelamente, por todos os meios possíveis, estes padrões de antiquíssima historia, que serão sempre os unicos e mais grandiosos monumentos á memoria do muito illustre historiador e patriota» <sup>(1)</sup>. Já em 1900, se liam palavras de incitamento e fé, assinadas por José Caldas e Domingos Leite de Castro, lembrando à Sociedade a publicação da Obra de Sarmento, superiormente anotada e até trasladada para qualquer das três línguas principais da Europa — francesa, inglesa ou alemã <sup>(2)</sup>. Igualmente em 1901 o Sr. J. Leite de Vasconcelos repetia: «A Sociedade Martins Sarmento, que tanto a peito, e com tanta razão, tomou a memoria do seu velho patrono, lembro, se m'o permite, a necessidade de mandar imprimir em volume não só os artigos archeologicos soltos que Sarmento inseriu em jornaes e revistas, mas os numerosos apontamentos manuscriptos que elle deixou, — devendo tudo isto ser, já se vê, previamente revisto, pesado, e, onde convier, annotado» <sup>(3)</sup>.

Infelizmente nada disto pôde ainda executar-se, se bem que a illustre Direcção da Sociedade, no ano de 1921, pensasse em satisfazer o apêlo instante e pagar a dívida em aberto: numa das suas sessões foi

---

<sup>(1)</sup> Discurso proferido no entêrro de Sarmento, em 12 de Agôsto de 1899.

<sup>(2)</sup> Veja Número Especial da *Revista de Guimarães* — 1900.

<sup>(3)</sup> Veja *O Archeologo Português* — vol. VI, 1901, pág. 30-31.

resolvido nomear uma Comissão para coligir a Obra dispersa de Sarmiento, na intenção de, mais tarde, quando monetariamente fôsse possível, a fazer imprimir, acompanhada de uma síntese em francês e inglês. Não sei por que espécie de obstáculos, mas certamente por falta dos elementos agora fornecidos neste ligeiro trabalho, a tarefa dessa Comissão não produziu os seus frutos. A louvável resolução foi retomada nos anos de 1922, 23 e 25, conforme consta das respectivas actas, mas sucessivamente esquecida...

Pois bem: a presente notícia bibliográfica, indo ao encontro dessas dificuldades e diminuindo-lhes por certo as proporções, não tem outro fim senão reavivar a chama que vai morrendo, bruxuleante e incerta, incitando mais uma vez e facilitando, na fraca medida das nossas forças, a publicação da Obra de Sarmiento, na convicção arraigada de que algum dia isto se fará. Quando mais não possa ser, pelo menos, a reunião em volume dos seus dispersos de carácter científico, muito embora dos restantes escritos se venha a compilar apenas uma breve antologia.

(Conclui no próximo fascículo).

MÁRIO CARDOZO.